

CISION[»]

Global Media Intelligence

PRESS BOOK

1. (PT) - Bola, 02-07-2010, Pedro Graça reforça Benfica	1
2. (PT) - Jogo, 02-07-2010, Pedro Graça é novo reforço do Benfica	2
3. (PT) - Jogo, 02-07-2010, Sporting dispensa Humberto	3
4. (PT) - Metro Portugal, 02-07-2010, Pedro Graça na Luz	4
5. (PT) - Primeiro de Janeiro, 02-07-2010, Pedro Graça reforça Benfica	5
6. (PT) - Record, 02-07-2010, Pedro Graça no Benfica	6
7. (PT) - Comércio de Guimarães, 30-06-2010, Xico conquistou Taça	7
8. (PT) - Primeira Mão, 25-06-2010, Andebol: Câmara e Federação assinam protocolo	8
9. (PT) - Defesa de Espinho, 24-06-2010, Torneio Ibérico de andebol de praia na Marbelo	9
10. (PT) - Construir - Traço, 01-06-2010, "Nunca tivemos a intenção de quebrar com o que está para trás" - Entrevista a Tomás Salgado, a Nuno Lourenço, e a Jorge Estriga e a Carlos Cruz	10



ANDEBOL

Pedro Graça reforça Benfica

→ **Ponta-esquerda de 32 anos é a mais recente aquisição do plantel sénior encarnado**

«Estou muito orgulhoso por estar numa equipa que joga sempre para ganhar e representar aquele que é o maior clube português.» Assim se expressou Pedro Graça, ponta-esquerda, depois de oficializar o vínculo ao Benfica. Aos 32 anos e após passagens pelo Loures, Vitória de Setúbal, Sporting, Sporting da Horta e Águas Santas, o jogador encara como «desafio muito aliciante» o ingresso nos encarnados, conforme deu conta ao site do clube.



>> É PONTA-ESQUERDA

PEDRO GRAÇA É O NOVO REFORÇO DO BENFICA

Pedro Graça, ponta-esquerda de 32 anos, abandonou o Águas Santas e firmou ontem contrato com o Benfica. O jogador ocupará o lugar deixado vago por Luís Nunes, que foi dispensado pelo clube da Luz. "É um desafio muito aliciante. Trata-se de um clube com objectivos sempre muito ambiciosos e que procura alcançar triunfos e títulos em todas as competições", referiu o jogador, que classificou o Benfica como "o maior clube português". Pedro Graça já passou por Loures, Vitória de Setúbal, Sporting, Sporting da Horta e Águas Santas, ficando agora às ordens do técnico José António Silva, que espera ainda mais reforços para o plantel. **Miguel Ribeiro**

LUIS MANUEL NEVES



>>ANDEBOL

SPORTING DISPENSA HUMBERTO

O Sporting prescindiu do guarda-redes Humberto Gomes, que ainda tinha um ano de contrato. Os leões comunicaram ao internacional que o técnico Paulo Faria não contava com ele, tendo ambas as partes chegado a acordo para a rescisão. Quem também pediu para sair foi o guarda-redes do Madeira SAD, Svetislav Verkic, que chegou a acordo com o emblema insular para abandonar a equipa. **R.G.**

Pedro Graça na Luz

ANDEBOL. O ponta esquerdo Pedro Graça, de 32 anos, ex-Águas Santas, é o novo reforço do Benfica para esta temporada.



ANDEBOL

**Pedro Graça
reforça Benfica**

O ponta esquerdo Pedro Graça é o mais recente reforço da equipa do Benfica, anunciou o clube no seu site oficial na Internet. O atleta de 32 anos já representou as cores de Loures, Vitória de Setúbal, Sporting, Sporting da Horta e Águas Santas. “Estou muito orgulhoso por representar aquele que é o maior clube português”, frisou Pedro Graça.





ANDEBOL **Pedro Graça no Benfica**

■ Depois de assegurar o pivô internacional José Costa, o Benfica garantiu mais um reforço para a próxima temporada, ao contratar Pedro Graça, um ponta-esquerda de craveira internacional, que representou o Loures, Vitória de Setúbal, Sporting, Sporting da Horta e Águas Santas.

O jogador, de 32 anos, teve como ponto alto da sua carreira uma presença na final da Taça Challenge, quando ainda representava a equipa do Faial.

Agora, segue-se novo desafio nos encarnados: "É aliciante. Trata-se de um clube com objetivos sempre ambiciosos, que procura alcançar triunfos e títulos em todas as competições", considerou Pedro Graça.

Com 1,90 m de altura, o jogador prometeu trabalho: "Estou muito orgulhoso. O Benfica é um clube que joga sempre para ganhar. Vou dar sempre o meu máximo", referiu o gémeo do andebolista David Graça. **AR**



Venceu o Sporting na final Xico conquistou Taça

O Xico Andebol venceu a Taça de Portugal, ao bater na final o Sporting, por 27-24. O clube vimaranense terminou uma época a todos os níveis assinalável com uma conquista única. Nas meias-finais, a equipa vimaranense já havia vencido o Sp. Horta por 26-23, apurando-se assim para o jogo decisivo que decorreu no Pavilhão Municipal de Tavira, no Algarve. Com a conquista da Taça de Portugal, o Xico Andebol ganhou direito à participação na Taça das Taças na próxima época, mas o clube pondera abdicar dessa participação nas competições europeias. A Direcção de Paula Ferrão invoca razões estritamente financeiras para tal, mas o presidente da Federação de Andebol de Portugal, o vimaranense Henrique Torrinha, já alertou o clube para "as consequências financeiras e disciplinares" dessa decisão. Nesse sentido, a Direcção do Xico prometeu que vai analisar o assunto e tentar encontrar soluções que viabilizem a sua participação na Taça das Taças.

Na sexta-feira, ao final da tarde, a comitiva do Xico Andebol vai ser recebida pelo Presidente da Câmara, no Salão Nobre da Câmara Municipal. Paula Ferrão vai aproveitar a oportunidade para sensibilizar António Magalhães a apoiar o clube na aventura europeia.



Andebol: Câmara e Federação assinam protocolo

A Câmara Municipal da Maia, pelo presidente Bragança Fernandes, e a Federação de Andebol de Portugal, pelo presidente Henrique Torrinha Cardoso, assinaram um protocolo de dois anos, com possibilidade de prolongá-lo por igual período de tempo, com vista a uma maior implementação da modalidade nas Actividades Extra-Curriculares leccionadas nas EB1 do concelho nos próximos anos.

Este protocolo, assinado na passada terça-feira na Sala D. Pedro IV dos Paços do Concelho, compromete as duas entidades a colaborarem no sentido de desenvolverem acções de propaganda do andebol, acções de formação para

os docentes de Educação Física, elaborara e calendarizar actividades durante o ano lectivo e da criação de centros de Mini-Andebol.

O presidente da Federação, Henrique Cardoso, considera este protocolo "fundamental para a iniciação" mas o objectivo primordial não é um crescimento do número de praticantes: "É verdade que o número tem crescido, mas essa não uma preocupação. Na federação temos dois tipo de associados: os federados e os inscritos. Estes últimos são precisamente o alvo deste protocolo, que ainda não iniciaram a prática competitiva. É a conjugação dos dois grupos permite sermos cada vez

maiores e melhores".

Henrique Cardoso deixou ainda elogios aos clubes maiatos de andebol. "A Maia é um exemplo até porque percebe bem o que queremos. Já temos protocolos com o Águas Santas e o Maiastars mas sentimos a necessidade de ir mais abaixo para que quando cheguem aos clubes estejam melhor preparados", concluiu o presidente da Federação de Andebol de Portugal.

Já Hernâni Ribeiro, vereador do Desporto da Câmara Municipal da Maia, afirma que o andebol "tem uma grande tradição na Maia", e refere que este protocolo é importante para as crianças e para os

clubes: "Inicia na modalidade os jovens de todas as EB1 do concelho, algo que é benéfico para os clubes no futuro porque poderão ver aqui uma oportunidade de prospecção".

Hernâni Ribeiro afirma ainda que "é necessário desenvolver este esforço nas modalidades amadoras" e também elogia os clubes de andebol do concelho: "Já temos dois centros de formação na Maia, um no masculino (Águas Santas) e outro no feminino (Maiastars), o que demonstra o prestígio que estas colectividades têm no panorama nacional", terminou o vereado maiato.

André Cordeiro



No fim-de-semana

Torneio Ibérico de andebol de praia na Marbelo

Após o estrondoso sucesso que foi o EBT Masters Finals, evento que foi amplamente elogiado pelas altas instâncias da Federação Europeia de Andebol, e não só, o andebol de praia está de regresso à Praia Marbelo, com a I edição da Taça Ibérica – Eixo Atlântico, que contará com a presença de seis oriundas de Espanha (três femininas e três masculinas), que irão disputar com igual número de equipas portuguesas, o primeiro troféu ibérico. Este Torneio nasce de uma parceria entre a Associação de Andebol de Aveiro e a Federación Galega de Balonmano, e conta com o apoio da Câmara Municipal de Espinho. A prova irá decorrer no próximo sábado e domingo, e contará com a presença de diversos atletas internacionais da modalidade.

A Taça Ibérica será disputada no sistema de dois grupos de três equipas, em que apuram duas, meias-finais e final. As equipas portuguesas em competição são, em seniores masculinos, a CMBCP/OSCACER, Kalibrados e Atlantic Sharks BHC. Em seniores femininos, OSCACER Beach Hand, Choca Aí e Associação Académica de Espinho.

Está, desde já, garantido um fim-de-semana de grande espectáculo, sempre com o espírito e 'fair-play' que

está inherente nesta modalidade.

É também o arranque de uma série de eventos já habituais na Praia Marbelo que este ano vai ter bastantes novidades, entre as quais o I Torneio de Futevolei Marbelo e o Campo de Férias Sun&Fun que irá decorrer no mês de Julho.

A Taça Ibérica é uma organização do Concessionário de Praia Marbelo, Câmara Municipal de Espinho, Associação de Andebol de Aveiro, Federación Galega de Balonmano, Federação de Andebol de Portugal e Federação Europeia de Andebol – EHF.

As equipas ficaram distribuídas nas seguintes séries:

Série A (masculina) – Kalibrados, Los Maikels e Atlantic Sharks BHC.

Série B (masculina) – Hidromiño, CMBCP/Oscacer e Painkillers.

Série C (feminina) – Choca Aí, Las Juveniles e Oscacer Beach Hand.

Série D (feminina) – As de Sempre, Associação Académica de Espinho e El Bunga.

Eis os jogos:

Sábado – Atlantic Sharks BHC-Kalibrados (masculinos) e Oscacer Beach Hand-Choca Aí (femininos), às 11 horas; Painkillers-Hidromiño (masculino) e As de Sempre-Associação Académica de Espinho (feminino), às 12 horas; Choca Aí-Las Juveniles (feminino) e Kalibrados-Los Maikels (masculino), às 15 horas; El Bunga-As de Sempre (feminino) e Hidromiño-CMBCP/Oscacer (masculino), às 16 horas; Los Maikels-Atlantic Sharks BHC (masculino) e Las Juveniles-Oscacer Beach Hand (feminino), às 17 horas; CMBCP/Oscacer-Painkillers (masculino) e Associação Académica de Espinho-El Bunga (feminino), às 18 horas. Às 21 horas, 1.º Série C-2.º Série D e 2.º Série A-1.º Série B; às 22 horas, 1.º Série A-2.º Série B e 2.º Série C-1.º Série D.

Domingo – Às 10 horas, 3.º Série C-3.º Série D; às 11 horas, 3.º Série A-3.º Série B; às 12 e às 15 horas, jogam os perdedores; às 16 horas, a final feminina e às 17 horas a final masculina.



Entrevista





Entrevista

ATELIER RISCO

“Nunca tivemos a intenção de quebrar com o que está para trás”

TOMÁS SALGADO, NUNO LOURENÇO, CARLOS CRUZ E JORGE ESTRIGA SÃO OS ROSTOS POR DETRÁS DO LEME DO ATELIER RISCO. DEPOIS DE DACIANO DA COSTA E DE MANUEL SALGADO, O ATELIER ESTÁ NO SEU TERCEIRO CICLO E DE ACORDO COM A EQUIPA QUE HOJE LIDERÁ O COLECTIVO, A IDEIA NUNCA FOI QUEBRAR COM O PASSADO MAS SIM CONTINUAR E

POTENCIAR ESTA NOVA FASE

O Risco partiu do Design em 1974 com Daciano da Costa, passou por um interesse mais vincado no planeamento urbano com a liderança de Manuel Salgado, e está hoje no seu terceiro ciclo.

Como descrevem essas três fases?

Tomás Salgado (TS): O Risco foi fundado em 1974 e, nesses primeiros anos, o arquitecto Manuel Salgado não estava directamente relacionado com o atelier porque este estava vocacionado essencialmente para o design. Foi em 1984 que Manuel Salgado tomou a liderança. Numa primeira fase o atelier tinha uma escala muito reduzida mas, embora se dedicasse mais ao planeamento urbano, também já se dedicava à arquitectura. Estes foram anos que coincidiram com uma fase em que os municípios tiveram que colocar em marcha processos de elaboração de Planos Directores Municipais, o que potenciou uma preponderância desse tipo de trabalhos. O grande salto do atelier aconteceu em 1988 com o concurso do Centro Cultural de Belém para o qual o Risco foi convidado pelo arquitecto Vittorio Gregotti. Essa foi uma fase muito interessante porque depois do projecto do Centro Cultural de Belém manteve-se a relação com Vittorio Gregotti durante vários anos, o que permitiu que fizéssemos uma série de projectos e concursos juntos. Para nós, traduziu-se num processo de crescimento importante. Naturalmente, essa relação acabou por se desvanecer, mas a embalagem que ganhámos nesses anos foi o que nos permitiu fazer projectos como o da Expo 98. Esse segundo ciclo foi assim marcado por uma série de projectos importantes, nomeadamente o projecto do Plano de Pormenor das Antas, e terminou com a saída do arquitecto Manuel Salgado, há cerca de dois anos e meio, quando foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Depois disso reorganizámo-nos, passámos a ser nós os quatro a estar à frente e a tomar as decisões e demos início ao terceiro ciclo.

O que difere este terceiro ciclo dos anteriores?

Nuno Lourenço (NL): Por um lado uma alteração de circunstâncias que tem que ver com a prática da profissão, e naturalmente uma alteração resultante da organização interna. De qualquer forma, diria que a maior diferença é que hoje há uma maior pressão sobre cada um de nós que resulta de dois factores: por um lado, de não haver essa espécie de protecção e confiança que era conferida com a presença do arquitecto Manuel Salgado; por outro lado, de estarmos mais pressionados no sentido de cumprir os prazos, de sermos produtivos e de sermos conscientes e preocupados com toda esta equipa.

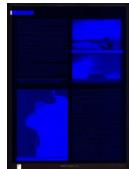
Ficou-vos alguma herança arquitectónica dos ciclos anteriores?

Jorge Estriga (JE): Do segundo claramente. A maneira como trabalhamos e nos articulamos vem dessa fase e, apesar das diferenças relativamente ao ciclo anterior, a maneira de trabalhar não se modificou assim tanto. Aliás, nunca tivemos a intenção de quebrar com o que está para trás, mas sim de continuar, potenciar e agarrar uma nova fase.

TS: Nós praticamente formámo-nos e passámos os últimos dez ou quinze anos aqui dentro. Por isso, a maneira de fazer é aquela que fomos adquirindo ao longo desses anos.

No portal do atelier dizem: “Não fazemos sempre a mesma coisa da mesma maneira”. Isso quer dizer que não têm uma linguagem própria?

TS: Sim, acho que não temos e isso agrada-nos. Temos uma forma de trabalhar que é sempre a mesma, mas os resultados acabam sempre por ser diferentes uns dos outros.



Entrevista

JE: A forma como abordamos os projectos, o que procuramos em cada um deles e a maneira como nos articulamos é mais ou menos a mesma, mas depois a resposta no âmbito da imagem depende das circunstâncias. Não estamos agarrados a uma maneira ou outra.

NL: É um aspecto que resulta do método e que resulta de acreditarmos que a arquitectura é uma resposta mais do que uma imagem que se quer colocar num determinado contexto. Claro que há uma experiência acumulada, já sabemos que certas coisas resultam de certa maneira, e por isso vamos buscar elementos de projectos anteriores. É isso o que talvez dê a continuidade de alguma linguagem arquitectónica entre os vários projectos. Mas, de facto, coisas tão práticas como as questões orçamentais, o contexto onde se insere, ou mesmo o próprio processo de construção, são elementos que influenciam o processo e que acabam por ter um impacto grande no resultado final.

TS: Isso também se prende um pouco com a sorte que nós temos tido de conseguir ter encomendas de um leque muito variado. Se tivéssemos feito trinta casas, se calhar havia aspectos formais que se repetiam de umas para as outras, mas quando os projectos são tão variados como um hospital, um pavilhão desportivo encaixado entre uma auto-estrada e um estádio, ou um estádio enfiado num terreno com uma penteira grande, trata-se de projectos tão diferentes que esquisito seria se houvesse soluções formais muito parecidas.

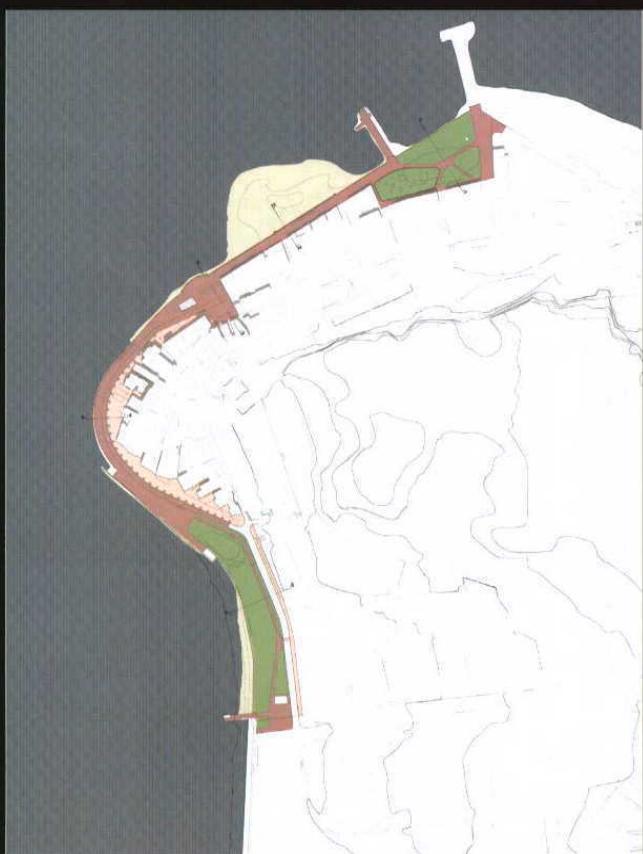
JE: Por outro lado, também acho que há um reflexo do que gostamos. Embora existam algumas diferenças nos vários projectos que têm sido feitos, não são assim tão grandes. O partido arquitectónico é mais ou menos o mesmo, não fazemos projectos desconstrutivistas por exemplo, há uma linha que nasce daquilo em que acreditamos, embora cada circunstância seja diferente e obviamente peça respostas diferentes.

Falavam há pouco do Arena Dragão Caixa, caracterizando-o como "um pavilhão desportivo encaixado num sítio inacreditável"...

JE: O Arena Dragão Caixa talvez seja o projecto mais estranho que temos.



Frente Ribeirinha de Ponta Delgada



Requalificação da Frente Ribeirinha do Seixal

Está no sítio menos adequado à implantação de um edifício daquela natureza. Falamos de um edifício onde o nível de entrada está cerca de 20 metros acima do terreno natural, o que levou a que tivéssemos de criar uma espécie de estrutura palafítica. Esta estrutura levantou uma série de questões técnicas complexas mas não se vê hoje porque ficou completamente entalada entre o Estádio do Dragão e a Via de Cintura Interna (VCI). Na altura, nós já tínhamos projectado o Estádio do Dragão e a Estação de Metro, e aquele era o edifício que faltava para rematar toda a parte Nascente da área do Plano das Antas, daí existir aquela relação com a Estação de Metro e o muro que confina com a VCI. Do ponto de vista da "casca exterior", houve a preocupação de relacionar o Pavilhão com a base do Estádio o que levou à utilização dos mesmos painéis pré-fabricados. O Arena Dragão Caixa é um edifício que se destina às outras práticas do clube, como o hóquei, o voleibol e o andebol, mas como é uma estrutura pouco utilizada, recebe uma série de actividades que potenciam a utilização do espaço e se traduzem em receitas que permitem manter o edifício do pavilhão, criando também sinergias com o Estádio.

TS: Outra das características deste edifício é o facto de nos topo da arena existirem espaços onde as pessoas acabam por descomprimir nos intervalos dos jogos, ou serem utilizados em eventos que não têm nada a ver com desporto. São espaços desenhados com grande cuidado e de uma forma que é invulgar em equipamentos desta natureza. Do lado Sul, existe uma zona de duplo pé-direito que contém uma escada que dá acesso a um foyer no piso inferior - todo pintado de cor de laranja, um lugar onde já se fizeram festas e que funciona muito bem nesse registo. Por outro lado, no topo Norte, foi criado um outro espaço, mais formal e com outro requinte, mas que funciona igualmente bem em outro tipo de actividades. Estes dois espaços são absolutamente invulgares num edifício desportivo.

JE: No fundo o edifício é organizado da mesma maneira que o Estádio, portanto tem vários tipos de utilizadores com acessos e espaços comuns de cada um deles segregados. Outra particularidade a salientar desta sala é que não tem uma entrada. Normalmente entramos num edifício e temos um átrio a partir do qual accedemos aos vários espaços. Aqui, quando se entra, está-se completamente dentro da sala e vê-se o espaço todo de uma ponta à outra.



"A maneira como nós trabalhamos e como nos articulamos entre nós vem dessa fase, e apesar das diferenças relativamente à fase anterior, a maneira de trabalhar não se modificou assim tanto"

NL: Eu gostava de acrescentar que o lote era difícil mas foi definido por nós no plano de pormenor. Acho que é necessário referir que este pavilhão é mais um elemento daquilo a que se pode chamar o Projecto Urbano das Antas, que correspondeu a um processo de relocalização dos equipamentos desportivos do Futebol Clube do Porto coincidente com a organização do Euro 2004. Uma das ideias que surgiu para o desenho urbano proposto no plano de pormenor foi a de concentrar os edifícios de uso público, como o Centro Comercial ou o Hotel, mas principalmente os grandes equipamentos desportivos, junto à VCI, por ser a zona com mais ruído, a que está mais próxima do metropolitano, mas também porque era a que tinha o terreno com maior pendente e onde era possível, apesar disso, implantar os equipamentos de uso colectivo manejando com mais facilidade a questão das cotas. Outra das coisas marcantes do projecto é que de facto o que aconteceu com este pavilhão aconteceu com os outros elementos que o envolvem. Quer a construção da estação quer as vias envolventes do Estádio, estão numa situação palafítica, ou seja, muitas vezes estão descoladas do terreno natural.

CC: É engraçado porque isso alterou completamente a forma do terreno. A VCI ficou com uma escala completamente diferente e acabou por se inverter a situação: anteriormente o terreno estava muito abaixo da VCI e de repente conquistou uma cota diferente. E isto tem que ver com a ideia do plano em ligar a Avenida Fernão de Magalhães à VCI, com aquele grande nó que também foi desenhado por nós.

JE: É uma operação semelhante à que se fez nos anos 40 na Avenida Infante Santo, ou muito antes na Rua do Alecrim, ou na Avenida da Ponte...

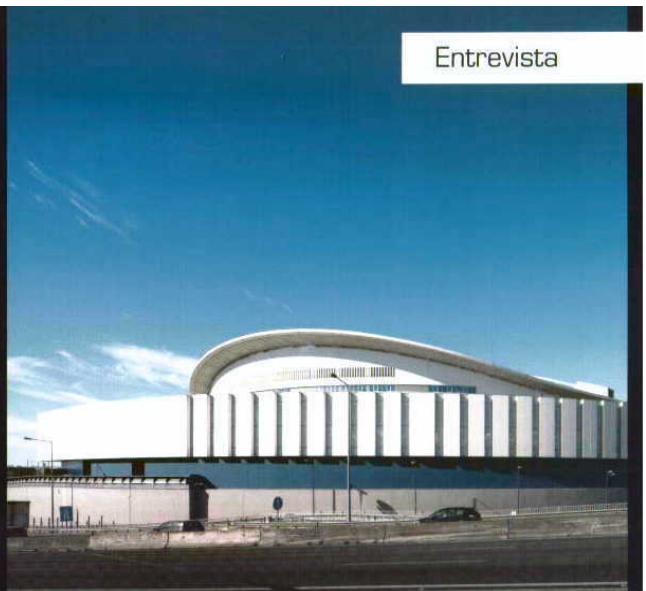
NL: Sempre houve projectos no Porto que rasgaram montes graníticos, é uma constante. E ali, aqueles desniveis só podiam ser vencidos dessa maneira. Foi um dos aspectos marcantes do projecto e acho que é também a expressão de como os equipamentos colectivos e os grandes edifícios podem ser utilizados para fazer ligações urbanas, fazer interligações de cota. O estádio é o melhor exemplo dessa situação.

TS: Era o tipo de situação que antigamente acontecia com mais frequência nomeadamente em Lisboa, onde existem muitas situações dessas com palácios ou escadarias para fazer transições de cotas. Esta transformação da topografia associada à construção de um grande equipamento sempre se fez com óptimos resultados. Acho que isto é paradigmático do que estava a dizer. Se formos à procura de pavilhões desportivos, 99,9% são paralelepípedos num terreno plano e num lote relativamente normal. Este é totalmente diferente, e é por isso que estamos há meia hora a falar dele.

No Centro Escolar de Mirandela o terreno foi também o maior desafio?

CC: A Escola tinha realmente essa questão do terreno versus o programa. O programa insere-se na política de centralização de escolas da rede municipal, principalmente nestas zonas do interior com poucos alunos e problemas de gestão dos mesmos. Concentrar mais os alunos faz com que este projecto tenha uma dimensão grande para o que é corrente numa escola do ensino básico, ou seja, três vezes maior do que o que está tabelado pelo Ministério da Educação. Falamos de um terreno complicado e de um programa que obrigava a que o edifício se desmultiplicasse em diferentes pisos por questões de funcionamento da escola - uma vez que vai albergar pré-escolar e ensino básico até à 4ª classe. Um programa que pedia áreas de recreio em plataformas de nível com alguma dimensão, que obrigava a formas de socalcamento e de

Entrevista

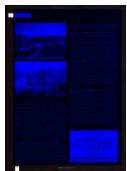


Arena Dragão Caixa



Hotel Altis Belém





Entrevista



Intervenção na Área Central do Cacém



alteração do próprio terreno, e que estava associado a algumas restrições de custo. A tentativa foi a de ter um edifício relativamente baixo que tendia a "esticar-se" - mas num terreno acidentado quanto mais se estende a construção pior; porque isto vai criando mais problemas na relação com a topografia. Tentámos, contudo manter algumas características daquele território e daquela paisagem, sendo para nós particularmente importante a questão dos espaços exteriores, que neste caso têm de ser bem dimensionados e confortáveis tendo em conta que falamos de muitos alunos, que provavelmente são de zonas afastadas e que têm uma permanência na escola mais prolongada do que o que é normal. Neste projecto a questão da implantação foi muito importante, principalmente porque esta aliada a outras questões que hoje em dia também se revestem de grande importância, tal como a eficiência energética, de forma a rentabilizar a gestão destes equipamentos. E depois, sendo uma escola, tem outros requisitos fundamentais, tais como o ser confortável, bem iluminada, dotada de alguma diversidade do ponto de vista da sua caracterização, ter zonas mais protegidas onde os alunos mais pequenos pudessem estar mais controlados do ponto de vista da vigilância, entre outras. O projecto tentou responder a todas estas circunstâncias, esperamos que com sucesso.

Que desafios foram colocados com o Hotel Altis Belém?

TS: Aqui a preocupação desde o primeiro momento era a de conseguir construir uma peça de grande delicadeza, porque estamos a falar de um sítio muito sensível, de grande visibilidade, com relação com o rio, no enfiamento entre o Padrão dos Descobrimentos e a Torre de Belém. É um volume perfeitamente bem definido, perpendicular ao rio. Talvez o grande esforço tenha acabado por ser feito no projecto de execução, porque a materialização do edifício requereu uma investigação mais demorada que resultou naquele sistema de recobrimento de fachada que é um vidro serigráfico com um padrão desenhado por nós, e que passa a frente dos quartos - mas ai já não em vidro serigráfico mas com

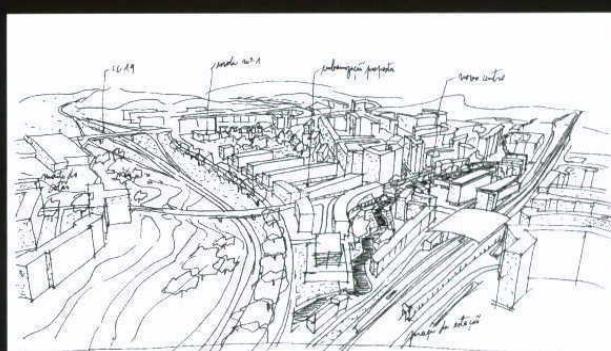
um sistema de persianas metálicas que produzem o mesmo desenho e que podem ser recolhidas desde o interior. Para nós o que era fundamental era chegar a uma imagem do edifício que tivesse delicadeza e requinte.

Houve algumas imposições por parte da cadeia hoteleira?

TS: Não. Mas há um processo no hotel que acho que vale a pena descrever; relacionado com o tema. A certa altura, o promotor abordou-nos a dizer que queria que os Descobrimentos fossem o tema para a arquitectura de interiores. Coisa que, confesso, nos deixou um bocado nervosos porque estas coisas podem sempre descambar para as caravelas. Nessa altura convidámos para trabalhar connosco no projecto de interiores a Margarida Grácio e o Fernando Sanchez Salvador, uma dupla que teve uma importância muito grande na abordagem desse tema. Por sua vez eles convidaram o historiador Aluizio Franco para discutir o tema, e a certa altura ele elaborou uma lista de coisas que os portugueses trouxeram dos vários sítios por onde passaram nos Descobrimentos, desde animais a plantas, passando por objectos, e essa lista tinha o mesmo número de elementos que o número de quartos. Nesse momento entrou o designer Ricardo Mealha, que criou para cada quarto um painel único, que vai desde a entrada do quarto até à janela, com ilustrações com base nos temas da lista que o Aluizio Franco tinha feito. Em suma, a relação com a Margarida Grácio e o Fernando Sanchez Salvador correu muito bem, resultou numa integração muito forte entre a arquitectura do volume e a pormenorização exterior, com a arquitectura de interiores. Não existe a cisão que acontece muito nos hotéis, nomeadamente quando há um projecto de arquitectura que faz uma definição geral dos materiais e depois um projecto de interiores que entra muitas vezes desgarrado da arquitectura do edifício. No Altis Belém há uma integração perfeita e muito forte entre o nosso trabalho e o trabalho de arquitectura de interiores. Este projecto reflecte o gosto que nós temos em discutir os projectos com outras pessoas que acrescentem valor ao que fazemos.

Com que tipo de preocupações se depararam no projecto para a Área Central do Cacém?

NL: O projecto do Cacém tem outras complicações. Mas essencialmente é um projecto que começou por ser um Plano de Pormenor e que correspondeu, na altura em que foi lançado, à tentativa de apanhar a embalagem da Expo 98, tornando-a como exemplo. Imediatamente depois do convite endereçado ao arquitecto Manuel Salgado, foi criado o Programa Polis, o que permitiu a dada altura dar o salto relativamente ao que estávamos habituados na altura ao que eram os Planos de Pormenor. Eram instrumentos que se faziam muito mas no fundo nunca se via nada de concreto, ou nunca se aprovavam, portanto, fazer um Plano de Pormenor era uma coisa que desencorajava muito os arquitectos. Neste caso, o Programa Polis trouxe principalmente dinheiro associado à componente de valorização ambiental da cidade. E havia no Cacém uma questão ambiental muito importante, que era o facto de a ribeira estar estrangulada e de ter problemas de cheias que colocava em causa a segurança pública. Portanto, foi possível fazer o projecto e depois levar avante a obra, que constituiu uma transformação enorme



Intervenção na Área Central do Cacém

Entrevista

"Nós praticamente formámo-nos e passámos os últimos dez ou quinze anos aqui dentro, por isso a maneira de fazer foi aquela que fomos adquirindo ao longo desses anos"

me naquela zona relativamente ao que era antes. Aliás, actualmente estamos a preparar alguns elementos para a apresentação desse projecto na VII BIAU, para o qual o projecto foi seleccionado, e uma das coisas que se está a fazer é recolher fotografias antes e depois da intervenção para poderem ser comparadas. Neste projecto, a nossa vontade à semelhança do que aconteceu no Piano das Antas, era que este fosse também um projecto urbano, e nesse sentido, que a componente de planeamento servisse posteriormente como base ao projecto de infra-estruturas, de novos arruamentos, de novos espaços públicos, de jardins e de reordenamento de algumas construções. A nossa vontade sempre foi que aquilo se transformasse num projecto urbano e de facto está a transformar-se. Entretanto, a REFER está a concluir a obra do novo interface da Estação do Cacém, que implica a construção de um estacionamento de automóveis e de estacionamento subterrâneo de autocarros, bem como de uma nova relação com a estação ferroviária, e vai ainda ser levada a cabo a requalificação da escola Ferreira Dias do Cacém, um projecto que também está a ser elaborado por nós. Há ainda um projecto que neste momento é uma incógnita e que se prende com o edifício central da Praça Central, para o qual fizemos um estudo prévio, mas que, embora ainda não esteja construído é quanto a nós uma peça chave para que tudo aquilo faça mais sentido. No limiar da ribeira foi criado um espaço de recreio e de estadia e contacto com a Natureza, que tem sido um tremendo sucesso em termos de utilização pública e que no fundo criou uma harmonia que não existia no Cacém. Acho que já era altura de dar alguma auto-estima à imagem do Cacém. Este é um projecto do qual nos sentimos orgulhosos porque combina as várias etapas daquilo que é o nosso trabalho: planeamento, projecto de espaços públicos, infra-estruturas e construção de edifícios. E para além disso tem um impacto na qualidade de vida das pessoas.

Esse impacto na qualidade de vida foi também o que aconteceu na Frente Ribeirinha de Ponta Delgada?

TS: Em Ponta Delgada, ainda antes de abordarmos o projecto, existia uma carência clara de infra-estruturas para navios de cruzeiro, um tema que tem estado em crescimento permanente nos últimos dez anos. Ali acontecia o seguinte: no mesmo cais em que descarregavam barcos de contentores chegavam os navios de cruzeiros, e por isso havia realmente a necessidade de criar uma infra-estrutura propícia, e depois havia também a necessidade de construir uma nova marina porque a de Ponta Delgada já estava esgotada. Um pouco a reboque destas duas necessidades, imaginou-se de que forma a intervenção poderia não ser apenas um projecto portuário desgarrado e isolado, mas sim uma via para redesenhar a frente da cidade. Posto isto, posteriormente ainda se acrescentaram uma série de outros temas, tais como uma zona comercial, um pavilhão que se chamará de Pavilhão do Mar que é um espaço multibúsos, e entretanto foram ainda aparecendo uma série de outras coisas em torno desta infra-estrutura. No fundo e em suma foi muito bom, porque de facto potenciou o redesenhar de toda aquela zona que nos anos 40 com a construção da marginal, e como aconteceu em muitas cidades do País, perdeu um pouco o recorte. Acho que foi bem conseguido.

Em projecto está também a requalificação da zona ribeirinha do Seixal. O que se vai passar?

NL: O projecto que estamos a fazer para a Frente Ribeirinha do Seixal, insere-se num projecto maior que o município está a fazer com fundos do OREN e que vai abranger uma série de espaços à volta da baía do Seixal, um lugar com um potencial enorme, que embora não seja um município que está à boca das portas, tem de facto uma qualidade de paisagem e um potencial de relação com



Edifícios Sky Residence II e Sky Business, em Luanda

o rio extraordinária, bem como uma série de actividades económicas ligadas ao turismo e ao artesanato. Este projecto, no âmbito dos de maior escala, é um projecto muito pequeno. O que se pretende é o seguinte: o município deslocalizou uma série de serviços do núcleo histórico do Seixal para a nova sede dos Passos do Concelho, e existe ali o receio de que com isso o centro histórico se esvazie um bocado. Portanto, a Câmara está muito interessada em encontrar um rumo para a zona. Como já disse, a zona tem um grande potencial, mas por outro lado também tem muitas desvantagens, como o facto de os lotes serem pequenos, e de ser difícil encontrar soluções de estacionamento, o que faz com que seja necessário reformular aquele tecido. Para a intervenção existe um tema muito importante, que se prende com o passeio ribeirinho que dá a volta a toda a baía. Posto isto, a ideia passa por tirar alguns carros da frente do Seixal velho, mantendo o transporte colectivo, garantindo alguma visibilidade no que diz respeito ao comércio e restauração, mas potenciando a relação com o rio, principalmente na via que está directamente relacionada com a água. Nós ganhamos o concurso com uma proposta que vai no sentido de redefinir uma série de espaços através de pavimentação, arborização, equipamento e mobiliário urbano. É difícil compará-lo com estes projectos anteriores que são de grande dimensão, mas fazemo-lo com muito gosto.

TS: Este projecto é revelador do gosto que nós temos nas várias escalas.

O projecto Sky Residence II e Sky Business, em Luanda, é o vosso mais recente e ambicioso projecto internacional. Em que outros mercados querem intervir?

TS: Nos últimos anos fizemos algum esforço para fazer concursos na Europa. Fizemos um concurso bastante importante na Alemanha, em Estugarda; fizemos um concurso para um projecto urbano bastante importante no limite do município de Roma, que ganhamos, mas que é um processo que se tem vindo a arrastar por questões da definição de políticas urbanísticas; fizemos um outro concurso por convite no Sul de Itália; e um projecto urbano extremamente complexo mas muito interessante para Budapeste, mas que neste momento está parado. Acontece que neste momento a Europa não está muito bem, por isso estamos a olhar mais para os países emergentes como Angola - os projectos dos edifícios Sky correram particularmente bem, o que nos cria alguma expectativa na medida em que podem ser um veículo para mais. Depois estamos a olhar para Marrocos, para a Líbia, para o Brasil. Olhar, bater às portas, "escarafunchar", espreitar, contactar, mas é complicado. É muito difícil nomeadamente porque esses mercados estão saturados e são protecionistas, e no caso do Brasil têm muita competência.

NL: Mesmo na Europa, em que há teoricamente circulação fácil, é difícil a não ser que se chame Álvaro Siza e vá via Star System.

TS: É preciso de facto perceber, e assumimos sem problema nenhum, que nos não temos o nome de Álvaro Siza ou do Souto Moura. A internacionalização das empresas na área da arquitetura tem de ser vista de uma forma muito diferente.

JE: Mas estamos com muita fé, sabemos que nos vai dar muito trabalho, mas também sabemos que é esse o caminho. ■

